

Ceilândia



44  
anos

8 • Especial

Brasília, sexta-feira,  
27 de março de 2015

CORREIO BRAZILIENSE

84%

PERCENTUAL DE ESTUDANTES  
QUE TÊM AULA NA PRÓPRIA  
REGIÃO ADMINISTRATIVA

94

NÚMERO DE ESCOLAS  
DA CIDADE

Fontes: Codeplan/Ptdad 2013 e estudo  
Educação Básica no DF 2013



Antonio Cunha/CB/D.A. Press

“

EU CHEGUEI  
A CEILÂNDIA COM  
14 ANOS. SOU  
APAIXONADA PELA  
CIDADE. FAÇO TUDO  
AQUI E MEUS FILHOS  
ESTUDAM AQUI.  
MINHA RELAÇÃO COM  
OS CLIENTES É BOA.  
ACHO QUE A SIMPATIA  
É FUNDAMENTAL”

JUCILEIDE CARVALHO,  
36 ANOS, COMERCIANTE DA  
FEIRA DE CEILÂNDIA



Fotos: Carlos Vieira/CB/D.A. Press

# Da poeira aos livros

A EDUCAÇÃO ABRIU PORTAS PARA PIONEIROS E JOVENS  
MOSTRAREM TODO O POTENCIAL E AJUDAREM A MELHORAR  
A VIDA DAS PRÓXIMAS GERAÇÕES DE MORADORES

Brasília nem tinha sido inaugurada quando Altino Francisco da Cruz pisou pela primeira vez no Planalto Central. Ceilândia, então, nem sonhava em existir. “Era tudo mato”, ele lembra. Seu Altino foi pioneiro duas vezes. Veio de Porto Nacional (TO) para ver a poeira se transformar em casas, prédios, escolas e hospitais no Plano Piloto. O mesmo ocorreu quando foi transferido do barraco onde morava na Vila Tenório para Ceilândia. Na época da construção de Brasília, ele era analfabeto. Só aprendeu a ler e a escrever aos 21 anos.

Durante esses 44 anos, a vida dele também passou por transformações importantes. O barraco de madeira improvisado virou uma casa de alvenaria com três quartos, terminada no ano passado e onde mora com a mulher. Depois de aposentado, conseguiu terminar o ensino médio. Hoje, ele considera Ceilândia a sua cidade. “Só não fiz nascer aqui”, brinca. Os desafios que enfrentou garantiram que os filhos pudessem ter um futuro diferente. Os três já se formaram no ensino superior.

A história dele foi contada em um vídeo, parte do projeto Proeja Transarte, do Centro de Ensino Médio 3 de Ceilândia, quando cursava a educação de jovens e adultos (EJA). O senhor, de 73 anos, se destacou entre os alunos e carrega para todo lado, com orgulho, o livro da professora Julieta Borges, que pesquisou o projeto durante o mestrado na Universidade de Brasília (UnB) e entrevistou Seu Altino durante o processo de produção da dissertação.

“Por meio dos estudos, tive a oportunidade de conhecer mais pessoas”, conta ele, que aprendeu a usar o computador e tem o próprio endereço de e-mail. Graças à escola, ele alcançou ainda um cargo

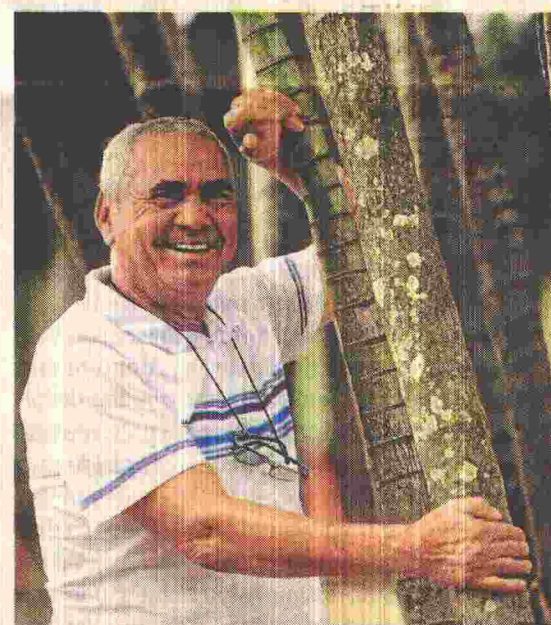
de confiança na igreja que frequenta, a Assembleia de Deus, depois que fez um curso de teologia.

## EXEMPLO

Outra pioneira de Ceilândia é a goiana Maria Madalena Torres, 52 anos, que chegou à cidade oito meses após a inauguração. “Eu digo que Ceilândia era bebê, mas o talco era muita poeira e o creme era muita lama”, brinca. Nessa época, ela disputava com os adultos um lugar próximo ao chafariz — onde, mais tarde, foi construída a Caixa d’Água — para encher as latas de água e levar para casa.

Madalena está do outro lado da EJA. Ela trabalhou por muitos anos como alfabetizadora de jovens e de adultos e foi a primeira presidente do Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia (Cepafre). Desde a fundação do centro, mais de 14 mil pessoas foram alfabetizadas.

Um dos momentos mais marcantes da trajetória como professora foi quando os alunos improvisaram um cinema no auditório do Cepafre e, pela primeira vez, assistiram a um filme no telão. O longa escolhido foi *Central do Brasil*. Eles ficaram vidrados e



MADALENA E KELLY (ACIMA)  
TRABALHAM PARA ALFABETIZAR  
A POPULAÇÃO DA CIDADE.  
SEU ALTINO (AO LADO) É  
PIONEIRO E VOLTOU A ESTUDAR  
DEPOIS DA APOSENTADORIA

conversavam sem se olhar, para não correrem o risco de perder um minuto de filme. “De repente, todo mundo estava de pé, aguardando para saber se a Dora (personagem de Fernanda Montenegro) colocaria ou não a carta nos Correios. Quando ela pôe a carta, aí todos aplaudem juntos”, relembra.

Graduada em filosofia pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e com mestrado em educação pela UnB, ela descobriu que estava com câncer de mama enquanto fazia o doutorado, em 2008. Apesar de travar uma batalha pessoal, nunca deixou de se dedicar à cidade. Hoje, está curada e é uma das coordenadoras do Movimento Popular por uma Ceilândia Melhor (Mopocem), que luta pela construção de um novo hospital na região, pela finalização das obras do Centro Cultural e pela construção de parques ecológicos, entre outras reivindicações.

Agora, Madalena transmite a experiência de anos como educadora à última presidente eleita do Cepafre, Kelly Grigório, 23 anos, estudante de engenharia de produção. “Quando você começa a participar dos movimentos sociais acaba conhecendo e descobrindo a sua cidade”, relata a jovem.